

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO...931 College street, Toronto, Ontario, Canada M6H 1A1, Telefone 535-8616
PUBLICAÇÃO DE.....Movimento Comunitário Português
EDITORES.....Domingos Marques e Filomena Almeida
COMPOSIÇÃO.....A. Jorge de Mendonça
ILUSTRAÇÃO.....Gilberto Prioste
PUBLICIDADE.....Frank Pacheco
DISTRIBUIÇÃO.....Arnaldo Amaral e José Henrique Borges

ANO I NÚMERO 2 8 de Agosto de 1975

O Jornal da Comunidade Portuguesa.

Edição Grátis

ÍNDICE

Entrevista: A Mulher e o Trabalho.....	pág. 2
Editorial.....	pág. 3
Este Mês no Canada.....	pág. 4
Cartas ao "Comunidade".....	pág. 5
Notícias de Portugal.....	pág. 6
Opinião.....	pág. 7
O Futuro deste Jornal.....	pág. 8

COMUNIDADE

Está Perto dos 65 Anos?

COMUNIDADE é um jornal que tem o fim de fazer as pessoas na comunidade Portuguesa mais capazes de resolver os seus problemas por si mesmo. É nessa linha que apresentamos esta informação sobre as pensões dos Reformados (Retirement Pensions).

Há três tipos de pensões de reformados às quais um imigrante no Canada pode ter direito. O Seguro dos Idosos (Old Age Security). O Plano Suplementar para o Salário Garantido e o Plano de Pensão do Canada. Todos estes planos se relacionam entre si.

O Seguro dos Idosos (Old Age Security) é um benefício mensal que é pago pelo Governo Federal a todas as pessoas que apresentam os requerimentos de idade e residência no Canada, não interessando se trabalhou "full ou part-time". A Cidadania Canadiana não é requerida. A idade necessária são 65 anos e a pessoa deve ter residido no Canada pelo menos 10 anos. Se uma pessoa reformada sai do Canada pode continuar a receber a sua pensão indefinidamente, se residir no Canada um total de 20 anos, depois dos 18 anos de idade. Se não houver tais condições ele só será pago no mês da partida e por mais seis meses. Depois os pagamentos são suspensos até que a pessoa reformada volte para o Canada.

Quando a aplicação é feita, o aplicante deve apresentar prova da sua idade, submetendo a Certidão de Nascimento. Se não apresentar estes documentos outros tipos de documentos podera ser exigidos, tais como o Passaporte, Certidão de Casamento, ou Documentos da Imigração. Sugerimos que, se está a planear adquirir esta pensão em pouco tempo, é bom adquirir já a certidão de nascimento.

A pensão de Seguro dos Idosos só será paga depois da aplicação ter sido aprovada pelo Director Regional do Departamento dos Idosos. Se a qualquer momento a pessoa não é capaz de lidar com cheques por si mesma, a pensão pode ser paga a outra pessoa designada pelo Director Regional. Esta pessoa deve ser nomeada no formulário anual. Se a pessoa não quiser deve mandar-se uma notificação de recusa possível ao Director Regional.

Depois de alguns meses espera, o seu primeiro cheque será pago em quantia de \$123.42 (por mês).

LEIA NO PRÓXIMO NÚMERO AS OUTRAS DUAS PENSÕES 1. Pensão de Salário Garantido 2. Pensão de Plano de Pensão do Canada

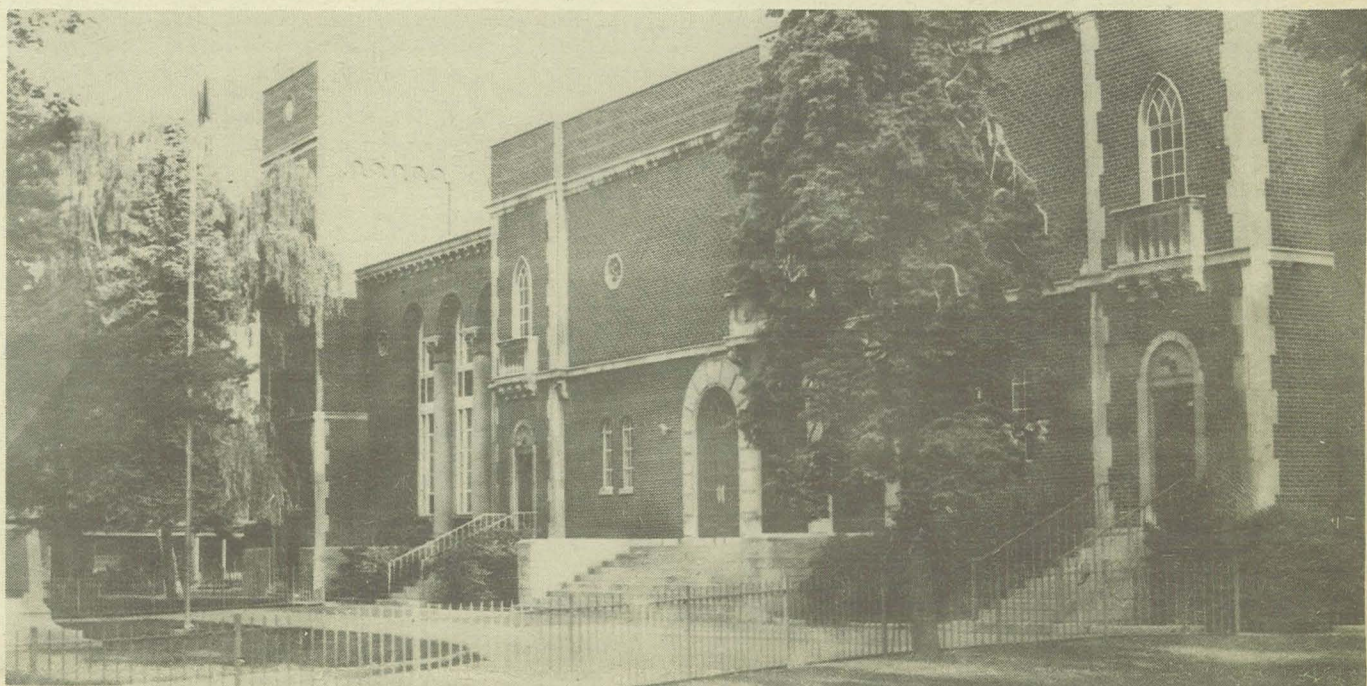
Frank Pacheco

Entramos em contacto com o Sr. Frank Pacheco paraco da freguesia de São João. Encontra-se agora no Canada há uns dias na América. O jornal da Comunidade tem a oportunidade para fazer um pequeno artigo sobre o Sr. Pacheco recentemente chegado ao Canada. Ele fala sobre os problemas económicos, sociais e históricos dos Açores na actualidade. Foi uma boa oportunidade para saber o que é que se está a passar nos Açores actualmente.

PERGUNTA-O MEA foi um movimento que derrubou um governo tipo "fascista" no dia 25 de Abril. Pensamos que é muito importante, saber o correcto significado desta palavra "fascista". Como foi que o fascismo contribuiu para atrofiar a mentalidade do povo Português?

PADRE CIPRIANO- É certo que, uma das palavras mais usadas hoje, em Portugal, é precisamente a palavra "fascista". O que se entende por tal palavra? Mais do que ir agora rebuscar as suas origens profundas, parece-me ser mais importante considerá-la aqui no seu enquadramento histórico e local, ou seja, no Portugal do Post-25 de Abril.

Evidentemente, delimitado assim o significado desta palavra o que ela caracteriza primariamente é um sistema determinado de vida em sociedade, uma determinada mentalidade, um modo muito concreto de organização da vida a todos os níveis, económico, social, cultural e político. Corresponde-lhe também uma maneira



Após longa luta, o Toronto Board of Education aprovou a remodelação da escola liceal Harbord Collegiate. Esta escola está no meio da Comunidade Portuguesa e é por isso que P.I.C.A.S.O. (organização Portuguesa) quer ver na nova escola um Centro Comunitário. Ver "A Escola e a Comunidade" página 7.

Representante da F.S.P. em Toronto

RESPOSTA A PERGUNTAS SOBRE A PROPRIEDADE DOS IMIGRANTES

Na sede da Associação Democrática de Toronto, um representante da Frente Socialista Popular "o camarada Antonio Mestre" presidiu no fim do mês passado a uma "sessão de esclarecimento" à qual assistiram cerca de duas dezenas de pessoas. Nesta reunião, aquele militante apresentou primeiramente a linha ideológica do partido, explicando que a FSP não tem um programa propriamente dito, mas governa-se por princípios que formam um programa de luta, condensado em 20 pontos principais.

Segundo António Mestre, a FSP é um movimento marxista revolucionário em que não há uma centralização burocrática de poderes, mas uma preocupação real e constante de lutar pelo povo português. É essencialmente um movimento revolucionário que, ao lado das Forças Armadas, está interessado na solução dos problemas económicos, sociais e políticos do povo português.

Depois de ter apresentado as bases de organização

daquele partido político, António Mestre respondeu a várias perguntas feitas em diálogo pelos presentes. Apesar de pequeno, o grupo presente fez muitas perguntas. As respostas a todas elas ocupariam o espaço deste jornal e não são talvez os assuntos que mais preocupam a maioria dos imigrantes leitores do "Comunidade". Pensando em muitos de vós, cuja preocupação constante é saber o que acontecerá aquilo que possuíis no Continente ou nas Ilhas, apresentei o problema da propriedade do imigrante: Qual a posição da FSP em relação à propriedade (terrenos, casas, etc.) do imigrante em Portugal

(Continua na página 5)

O Sistema Escolar de Toronto

Um grupo de jovens trabalharam este verão num projecto chamado "Prova". Este projecto foi subsidiado por "Oportunidades para a Juventude" (OFY) e teve a tarefa de ajudar os pais numa determinada zona a compreenderem melhor o sistema escolar de Toronto.

Para melhor conseguirem desempenhar esta tarefa, publicaram um boletim parte do qual publicamos a seguir.

Escolas Públicas e Católicas

Dois sistemas escolares existem em Toronto: o sistema Público e o sistema separado. As escolas Católicas incluem aulas de religião enquanto as Públicas não incluem. Esta é a maior diferença entre os dois sistemas. Vós, os pais, é que tendes de determinar o sistema que os vossos filhos frequentarão. Seja qual for escola que os vossos filhos frequentem, eles têm de frequentar a escola desde a idade dos 6 anos aos 16 anos. Em casos especiais é possível terminar a escola na idade de 14 anos.

Existem classes de Jardim Infantil para crianças dos 4 aos 5 anos. Estas aulas não são obrigatórias, mas são consideradas uma parte importante da escola preparatória. É recomendado que os pais matriculem os seus filhos nestas aulas.

As escolas primárias são constituídas de aulas de Jardim Infantil, Graus 1,2,3,4,5,6,7, e 8. As escolas secundárias (High Schools) continuam a educação depois da escola primária com os Graus 9,10,11,12 e 13. Até que atinjam o ensino secundário, todas as crianças

(Continua na página 2)

(Continua na página 6)

Padre Cipriano Fala Sobre os Açores

de ver o homem e o mundo. Como sistema de vida, o fascismo tem por cariz fundamental um espírito eminentemente conservador e por isso, de sua natureza, averso a tudo o que é mudança ou exigência de transformação.

É por isso que, dentro duma visão fascisante do mundo, o que importa não é transformá-lo, mas aceitá-lo passivamente tal como é, e justificá-lo como se apresenta, com suas misérias, desigualdades, e injustiças.

Por outro lado, não é menos característica a compreensão do "ser homem" no fascismo. Segundo este, o homem é um ser desincarnado do mundo que o rodeia. Pelo menos assim o considera na prática. O homem é reduzido a indivíduo e a liberdade relegada para aspectos puramente subjectivos e íntimos. Esta visão do homem e do mundo têm assim reflexos em todos os domínios da vida.

No aspecto económico vigora o sistema capitalista que torna possível a subida de uns à custa da descida de outros. E o sistema que gera a situação de privilegiados para uns tantos e a situação de proletários para as maiorias.

Sob ponto de vista social, a sociedade fica assim dividida em classes, explorados e exploradores, ricos e pobres, os que têm e podem e os que não têm e não podem.

O PADRE CIPRIANO FALA SOBRE OS AÇORES

(Continuação da página 1)

Politicamente falando, as pessoas dividem-se entre as que mandam e as que obedecem. Só àqueles cabe o papel activo de conduzir a sociedade; a estes, por sua vez, compete-lhes seguir, obedecer, deixar-se conduzir.

A perpassar tudo isto, está uma ambiência cultural que se preocupa por fazer ver e justificar por razões de ordem intelectual que isto é e deve ser assim. Porque o mundo foi feito naturalmente assim. É que o homem verdadeiro pois, é aquele que aceita este estado de coisas e que se vai procurando adaptar da melhor maneira, sem se deixar ir na ilusão de acreditar que tudo isto poderia ser de modo diferente, se nisso todos os homens se empenhassem.

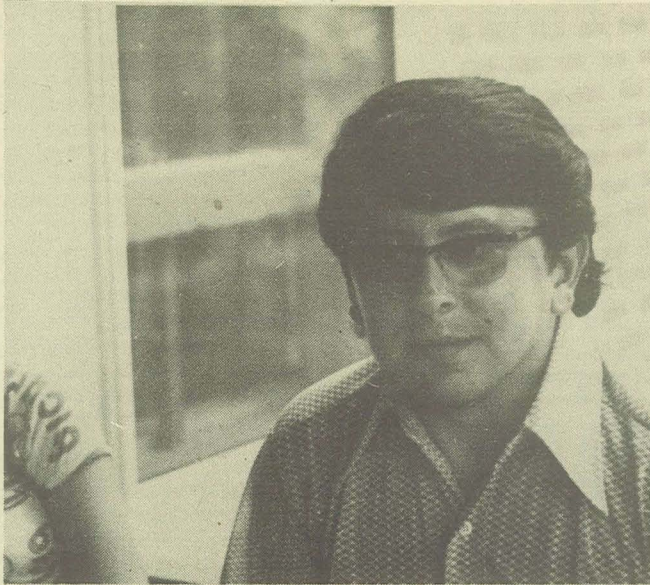
De alguma maneira, podemos dizer que foi esta a mentalidade do povo português em geral, até ao 25 de Abril, visto que era ela que se respirava, no modo de exercício do governo, autoritário e ditador, na educação e no ensino que se encarregavam de transmitir como certos a todo o povo os valores e critérios de vida das classes dominantes.

PERGUNTA - Qual foi o primeiro impacto do 25 de Abril nos Açores? Como é que o povo interpretou a nova liberdade conquistada pela primeira vez em 48 anos de ter a oportunidade de resolver os seus problemas colectivamente ou em associações livres?

RESPOSTA - Parece-me que se pode dizer que o 1º impacto do 25 de Abril nos Açores, tal como no resto do do país, foi o provocar de uma irrupção de alegria e como que uma sensação de leveza.

Claro que não se poderá dizer isto de todos os sectores, uma vez que também lá havia quem tivesse tirado toda a espécie de vantagens do sistema de vida decorrente do regime anterior. E é evidente que, para esses sectores, o aparecimento dum movimento que pretende estabelecer efectiva justiça social entre todo o povo, não pode constituir uma Boa Nova, mas sim, uma ameaça ou um perigo.

Também é certo que nem sempre o nosso povo tem compreendido o alcance da revolução do 25 de Abril. Muitas vezes fica ainda a pensar que os governantes ou os homens dos partidos é que vão resolver os seus problemas sem mais, quando o que era importante, era que as pessoas fossem percebendo que as coisas só se podem resolver bem, com a sua participação. Foi para isto que o povo não foi educado e por isso tem dificuldades em caminhar. No entanto, há muitas possibilidades em aberto, já há muitos passos dados pelo povo na sua própria organização: sindicatos, cooperativas, comissões de moradores, etc, que são sinais da capacidade e das possibilidades que o povo tem de colectiva-



"Como em todo o país, a Igreja oficial está a atravessar uma certa crise de credibilidade," diz o Padre Cipriano.

mente ir construindo novas estruturas que lhe possibilitem uma vida diferente marcada pela colaboração e solidariedade na promoção de todos.

PERGUNTA - Penso que o saneamento e nova constituição de estruturas sociais é muito importante na via de uma mudança de sociedades. Quais foram os problemas ou conquistas atingidas pelo povo Açoreano nesta tarefa de construir uma nova sociedade, ou relações entre homens?

PADRE CIPRIANO - Penso não faltar à verdade se disser que, neste assunto de "saneamentos" (também tão em dia na sociedade Portuguesa de hoje), nos Açores não se tem feito sentir com muita agudeza.

Isto não quer dizer que nos Açores os saneamentos não fossem necessários. São-no como em qualquer lugar do país. Simplesmente se é certo que noutros lugares do país nesta matéria se tenha pecado por excesso, nos Açores penso que o pecado será por defeito, isto é, por falta de saneamentos e não tanto por abuso.

Se não estou em erro, no geral os saneamentos nos Açores até há pouco tempo ficaram apenas pelos decorrentes das disposições tomadas em geral logo após o 25 de Abril. Penso que neste aspecto pouco mais houve do que isso.

PERGUNTA - Talvez o MFA devido aos problemas que teve de enfrentar durante o primeiro ano da Revolução como o problema da descolonização (independência de Guiné-Bissau, Moçambique e Angola) e o problema de pôr em prá-

tica o novo caminho por onde Portugal deve seguir, não prestou muita atenção aos Açores para resolver os seus problemas imediatos. O padre Cipriano pode explicar como é que esta pouca atenção contribuiu para a organização de forças reaccionárias nos Açores?

PADRE CIPRIANO - Sou de opinião que, de facto, por uma ou outra razão, o governo central pelo menos, durante algum tempo, pareceu esquecer-se dos Açores.

Medidas importantes que ultimamente foram tomadas e outras anunciadas, podiam e deviam ter sido realizadas há mais tempo.

Claro que com estas demoras só se consegue causar a desconfiança do povo nas novas orientações do governo e sobretudo, dá-se margem de manobra à reacção que está sempre disposta a utilizar todos os atrezos e descontentamentos para manipular o povo em seu proveito. Foi isto que se deu nos Açores e é para isso que tanto os Açoreanos como o governo devem estar atentos daqui por diante. No mesmo tempo o povo terá de se ir convencendo que os seus problemas serão resolvidos na medida em que souber de forma activa e organizada, lutar e empenhar-se pela sua solução.

PERGUNTA - Talvez a população Açoreana residente aqui no Canadá e Toronto especialmente, gostaria de saber qual é a posição da Igreja em relação aos problemas actuais, e futuro dos Açores?

PADRE CIPRIANO - A posição da Igreja nos Açores na situação actual, é diversificada. Conforme a leitura ou a compreensão da sociedade e a visão da fé que têm os cristãos (padres e leigos) assim também as posições que tomam no processo revolucionário em curso.

Assim por exemplo, há os que se ficam apenas numa tarefa predominantemente anti-comunista, muitas vezes "estéril e negativa" para usar as palavras do Sr. Bispo do Porto, como há também um bom número de cristãos que se empenham a sério no processo em curso e que em diálogo com todos os homens de boa vontade se esforçam por construir uma sociedade nova mais igual, justa, livre e fraterna.

No entanto, no seu conjunto pode dizer-se que a Igreja nos Açores sofre ainda bastante a influência das suas posições tomadas durante os anos do anterior regime. Ela por vezes dá mostras de ser a custo que ela aceita a nova situação.

Como em todo o país, a Igreja oficial está a atravessar uma certa crise de credibilidade. Penso que o que mais necessita presentemente a Igreja é de dar provas por palavras e acções concretas de que quer empenhar-se a sério e a seu modo na libertação dos homens e por isso do povo Açoreano sendo no meio dele um sinal e um anúncio vivo de Jesus Cristo testemunhado pela sua identificação com os mais pobres e oprimidos.

Por este caminho, decerto que não se enganará nem enganará!...

Tony Amaral

ENTREVISTA: A MULHER E O TRABALHO

Há pouco tempo conversei com uma jovem Portuguesa, natural dos Açores, Rita Borges, sobre a situação da mulher imigrante a trabalhar no Canadá.

Achei oportuno publicar a sua forma de pensar e experiência de trabalho.

PERGUNTA -- Poderias dizer-me porque vieste para o Canadá e quando?

RITA -- Vim com os meus pais visitar os meus irmãos, há quatro anos e meio, com a intenção de ficarmos todos imigrantes e assim reunir a família.

Ao vir tinha pensado em estudar porque nunca tive possibilidade de o fazer em Portugal.

PERGUNTA -- Que aconteceu nos primeiros tempos que viveste aqui?

RITA -- Ao fim de dois dias de estar cá, a minha família disse-me que tinha de procurar trabalho, assim a minha possibilidade de estudar fora desfeita pois à noite não me deixavam.

PERGUNTA -- E tiveste problemas a arranjar trabalho?

RITA -- No terceiro dia consegui trabalho numa fábrica de costura, mas tive de praticar cerca de meia hora para verem se sabia ou não costura, fui aceite e trabalhei durante todo o dia. Quando me vinha embora no fim do dia o "bossa" pediu-me o passaporte, o social insurance number e perguntou-me se eu era turista, mas como estava visitante e sem autorização para trabalhar não voltei àquela fábrica, nem recebi o pagamento do meu trabalho. Uma mulher portuguesa fora acusar-me ao "bossa", não sei porquê...

Depois trabalhei duas semanas na limpeza. Mas não gostei das condições de trabalho e saí. A seguir consegui trabalho na fábrica onde trabalho agora.

PERGUNTA -- E para ficares imigrante encontraste muitas dificuldades?

RITA -- Não tive grandes problemas, talvez porque tinha irmãos aqui. Apenas nos primeiros tempos tinha problemas em falar e compreender inglês, alias como a maioria das pessoas portuguesas.

Apenas durante o tempo que estive de turista, nunca mais disse a ninguém se era imigrante ou não, com medo de ser acusada novamente.

PERGUNTA -- Fala-me das condições em que trabalhas actualmente?

RITA -- Como estive nos outros trabalhos por pouco tempo, prefiro dizer da minha experiência.

Comecei a trabalhar numa fábrica de costura, a "piece work" e em pouco tempo ganhava mais do que as companheiras que trabalhavam à hora. Se não estou em erro a fábrica pagava a \$1.65 à hora o que era muito pouco principalmente para o trabalho de passar a ferro que é pesado.

Devido à existência de união nesta fábrica, no fim do verão de '73 houve novo contracto com a fábrica

e como eles não quiseram dar os aumentos pedidos pelas trabalhadoras fez-se greve, a única forma dos

trabalhadores unidos lutarem por um salário justo.

Pouco antes da greve os donos da fábrica publicaram um panfleto em várias línguas: italiano, português, jugoslavo, grego etc, perguntando se as trabalhadoras já tinham pensado quem iria pagar a renda, a alimentação da família, as "mortgages" da casa, e ameaçando que quem fosse para greve perdia a fábrica, coisa que eles nunca se interessaram com os salários miseráveis que ganhávamos.

De qualquer maneira as trabalhadoras entraram em greve e montaram as linhas de piquete (piquet lines) junto a fábrica, que foram atravessadas por cerca de dez mulheres portuguesas e uma italiana que trabalhava à hora e já tinham recebido o aumento que desejavam. A greve durou três semanas ao fim das quais a fábrica acedeu pagar o salário pedido pelas trabalhadoras.

As trabalhadoras que atravessaram as linhas de piquete foram multadas pela união.

PERGUNTA -- O que pensastes da acção das tuas companheiras que foram trabalhar durante a greve?

RITA -- As pessoas no tempo do fascismo em Portugal não sabiam para que serviam os sindicatos essa foi a razão maior de não quererem ir para greve e não verem o interesse dos trabalhadores serem unidos para terem salários justos e melhores condições de trabalho.

PERGUNTA -- O que pensas da condição da mulher imigrante portuguesa no trabalho de casa?

RITA -- A mulher portuguesa aqui trabalha muito mais do que o homem, na maioria dos casos, principalmente aquelas que trabalham nas fábricas, limpeza, etc., trabalho este bastante cansativo. Quando chegam a casa têm de fazer todo o trabalho de casa, cozinhar, lavar, limpar, etc, e poucas vezes o homem ajuda.

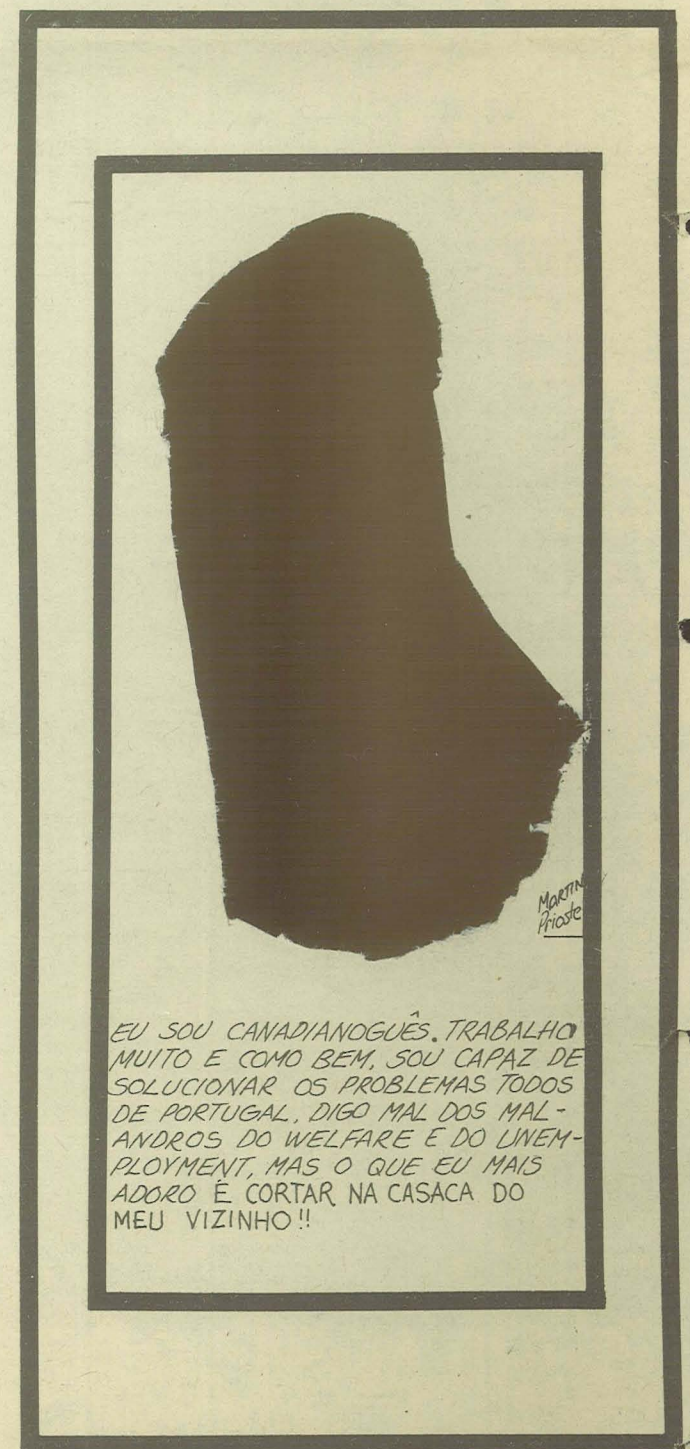
O homem continua ainda a ter todos os direitos enquanto que a mulher não tem vontade própria pois o chefe de família é o marido. Se toda a família ajudasse na lida da casa o trabalho da mulher seria muito mais leve.

PERGUNTA -- Qual é a situação da mulher no trabalho?

RITA -- Como sabes a maioria dos trabalhadores portugueses em Portugal trabalhavam na agricultura e as mulheres faziam o trabalho de casa. Aqui como poucos têm profissão encontram-se nos trabalhos mais pesados e naqueles que muitas vezes os canadianos não querem fazer.

Há falta de união entre grande parte dos trabalhadores e trabalhadoras portuguesas porque ainda não compreenderam que a união faz a força. Também porque não existem grupos portugueses interessados em lutar pelos problemas de segurança, justiça e direitos do trabalhador pois, é mais fácil dizer que Deus está vendo tudo isso e castiga os maus.

José Henrique Borges



EU SOU CANADIANO GUÊS. TRABALHO MUITO E COMO BEM, SOU CAPAZ DE SOLUCIONAR OS PROBLEMAS TODOS DE PORTUGAL. DIGO MAL DOS MAL-ANDROS DO WELFARE E DO UNEMPLOYMENT, MAS O QUE EU MAIS ADORO É CORTAR NA CASACA DO MEU VIZINHO!!

EDITORIAL

Cá estou outra vez.

Como não podia deixar de ser, houve quem fizesse uma festa por eu ter saído e houve também uns poucos que ficaram descontentes comigo, e me chamaram nomes além daquele que tenho: COMUNIDADE. Houve quem imediatamente se prontificasse a pagar o jornal. A esses agradecemos a boa vontade.

Houve quem me chamasse "político!" Para evitar confusões declaro que sou um jornal independente e apolítico e repito os meus objectivos já claramente expostos e explicados de estar unicamente ao serviço do Imigrante Português de Toronto, informando-o o mais objectivamente possível, e dando expressão aos seus problemas e anseios.

Se eu deixar de falar dos vossos interesses, se eu der prioridade a problemas que não vos dizem respeito, levantai o braço e abri a boca, porque eu afinal sou vosso, quero ser o jornal da Comunidade. Nos momentos decisivos quero estar do vosso lado, ser a vossa voz.

Agradeço o suporte e acolhimento que recebi de vós até agora, e daqui a um mês espero estar nas vossas casas outra vez. Isto dependerá do vosso apóio, pois o subsídio do governo Canadiano foi só para os meses de verão.

Chamem por mim. Eu estou às vossas ordens.

Objectivos

Para esclarecer alguns e informar outros, voltamos a publicar nesta edição os objectivos do jornal "Comunidade". Leia-os atentamente e se achar que eles não estão certos ou completos não receie dar a sua opinião.

1. Focar a sua atenção nos problemas e acontecimentos que dizem respeito à comunidade portuguesa de Toronto.
2. Apoiar qualquer acção que seja dos trabalhadores em geral e especialmente minorias cujos direitos não sejam respeitados.
3. Informar e interpretar os programas de política económica e social no Canadá.
4. Ser uma tribuna onde sejam arejados os problemas da comunidade, publicando material produzido pela própria comunidade.
5. Servir como meio para organizar a comunidade e "fazer pressão" nas instituições (hospitais, escolas, Câmara Municipal, Welfare, etc.) para que sejam mais responsáveis na solução dos problemas dos imigrantes.
6. Estabelecer laços de cooperação e apóio mútuo com organizações portuguesas de Toronto.
7. Ser um estímulo para pesquisa e análise dentro da comunidade, organizando comissões de saúde, de educação, de serviços sociais, de organização, etc.
8. Informar acerca de acontecimentos importantes de Portugal e do Mundo.

A Comissão Central
Movimento Comunitário Português

ASSINE JÁ O JORNAL

COMUNIDADE

PREÇO : \$5.00 POR ANO

TEL. 535-8616

canadianogues



Here I am once again.

As was to be expected, there were those who rejoiced at my arrival but there were also those who were a bit unhappy with me, and who called me names beyond the one that I have: COMUNIDADE. There were those who immediately offered to pay for the newspaper. To these people we thank their good intentions.

There were those who called me "political". To avoid confusion, I want to reaffirm that I am independent and nonpartisan and I repeat my objectives, which have already been clearly stated, as being foremost at the service of the Portuguese Immigrants in Toronto, informing them in the most objective manner possible, and giving expression to their problems and worries.

If I forget to talk of your interests, if I give priority to problems that do not relate to you, lift your arms, and let out a scream, because above all I am yours, I want to be the community's newspaper. In decisive moments, I want to be on your side, speaking for your rights.

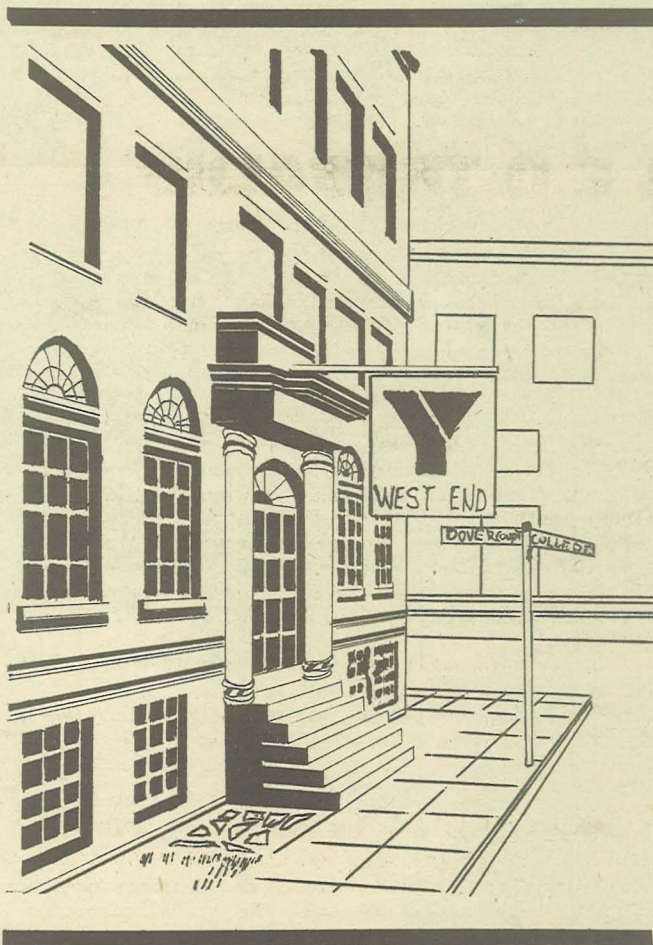
I want to thank you for the support and welcome that I have received up to now, and in a month's time I expect to be in your homes once again. This will depend on your support, for the O.F.Y. grant from the Canadian Government was only for the summer months.

Call me. I am at your command.

NOVO TRIBUNAL DE CIDADANIA CANADIANA

No dia 15 de Julho foi oficialmente aberto na Dufferin Plaza (ao norte da College) um Tribunal de Cidadania Canadiana.

O Tribunal fica no segundo andar, à entrada, e está ligado ao escritório de Registo e Inquérito para obter a Cidadania no primeiro andar. Este escritório encontra-se aberto da Segunda ao Sábado das 10 da manhã às 9:30 da noite.



Serviços Sociais

CENTRO MÉDICO

O Centro Médico da Niagara abriu finalmente as portas aos residentes e trabalhadores da dita área, no passado dia 2 de Julho.

Apos 2 anos de esforços e negociações com o Ministério da Saúde do Ontario e Governo, a Comissão de Planeamento desta área viu finalmente, com certo alívio, a consumação de um dos seus projectos.

A ideia do Centro foi concebida por pessoas residentes na área e é portanto uma Clínica da Comunidade.

O Centro é financiado pelo governo Federal, Provincial e Municipal. Uma vez que o pessoal é pago pelo governo do Ontario e não pelo número de doentes, cremos que isso resultará em melhor e mais atenção médica. A Clínica de Niagara é a 14ª clínica comunal a ser aberta na Metro.

O Centro dispõe presentemente de dois médicos de clínica geral: um em tempo integral, outro em "part-time", de uma enfermeira e de uma Recepcionista Tradutora portuguesa, que fará a interpretação, se necessário for, para aqueles que ainda não falam inglês.

Outros serviços médicos são tratamentos e educação médica. O Centro está situado no 289 Niagara St. (basement), telefone 363-2021 ou 363-2022. O horário é o seguinte: Segunda, Quarta e Sexta - das 10 da manhã às 6 da tarde

- Terça e Quinta - das 12h. da tarde às 8 da noite.

- Sábado - apenas, por marcação

O Centro passará também a dispor de um serviço telefónico de emergência para o resto do período de 24 hrs.

NIAGARA NEIGHBOURHOOD HEALTH CENTER
CENTRO MÉDICO DA VIZINHANÇA DE NIAGARA

YMCA ao serviço dos portugueses

O YMCA, é uma organização não-lucrativa e voluntária, independente do Governo, interessada em servir as necessidades das comunidades à sua volta. Esta organização foi fundada no século passado na Inglaterra e tinha um carácter religioso-leigo. Hoje, é uma associação existente em quase todos os países do mundo, dedicada sobretudo a trabalhar com juventude em programas de recreio, educação física e assuntos sociais.

Em Toronto há muitos edifícios do YMCA. O West End YMCA encontra-se no meio da comunidade Portuguesa na College e Dovercourt.

Há muitas pessoas portuguesas que já usaram ou estão a usar o YMCA, sobretudo crianças e pessoas que estão a aprender Inglês. O YMCA do West End está interessado em que as suas facilidades sejam cada vez mais usadas pela comunidade Portuguesa. Ao mesmo tempo quer iniciar programas que sejam úteis para a comunidade e que as próprias pessoas digam, que programas lhe interessam mais.

Neste momento há algumas salas disponíveis que podem ser usadas para programas comunitários.

TOMAR CONTA DE CRIANÇAS

Todos os pais que têm crianças de pouca idade ou filhos que já se encontram na escola, mas que não têm quem tome conta deles antes e depois da escola, são convidados a participar numa reunião para se organizar um programa em que se tome conta destas crianças em boas condições.

DATA DA REUNIÃO:

Segunda Feira, 20 de Agosto às 7 horas da tarde

LUGAR: YMCA, 931 College St. (e Dovercourt) sala 205

Para mais informação telefone para João Medeiros, organizador do programa, 536-1166

..este mês no Canada...este mês

CENTRO DE AJUDA À MULHER

Promovido pela organização Centro comunitário de Emprego para Mulher (CCEPM) realizou-se na tarde do dia 24 de Julho passado, um encontro que se destinava a apresentar ao elemento feminino português da comunidade de Toronto, as directrizes e perspectivas que se propõem seguir aquela organização na tarefa de ajudar as mulheres imigrantes a se integrarem mais facilmente na sociedade canadiana. Como preparação para um trabalho futuro, esta organização está levando a cabo um estudo sobre as condições de vida da mulher imigrante; estudo esse que só foi permitido devido ao auxílio económico prestado pelo governo do Canadá. Dos resultados deste inquérito dependerá a vida futura do organismo, pois só com um futuro apoio do mesmo governo, poderá o Centro continuar a existir. Propõe-se o CCEPM trabalhar particularmente com mulheres portuguesas, Latino-Americanas e Indo-Orientais.

Ao encontro compareceu fraco numero de pessoas, registando-se entre os participantes uma elevada percentagem do elemento masculino. A pouca assistência foi devida a pouca publicidade à hora da reunião e à falta de apoio de várias organizações na Comunidade, especialmente das organizações que trabalham por intermédio das paróquias, segundo a organizadora do encontro.

A reunião começou com a apresentação de um filme que nos mostrou imagens e palavras de mulheres imigrantes portuguesas; como música de fundo, Zeca Afonso cantando: "...chamava-se Catarina..." Conclusões que tiramos do filme? São inúmeras e por isto só algumas (as mais relevantes) citaremos. Falta de preparação profissional, pouca ou nenhuma educação recebida nas terras de origem, desconhecimento total ou parcial da língua Inglesa, inexistência de estabelecimentos de ensino (no Canadá) orientados no sentido do trabalhador, etc. Citando estes problemas ficamos conscientes de só termos abrangido uma pequena parte do mar de dificuldades que se apresentam à mulher imigrante portuguesa, e aos trabalhadores em geral.

Como exemplo das vantagens que uma organização deste estilo pode ter para a imigrante, Marilda Antunes activista responsável do (CCEPM) contou-nos o caso de Helena, trabalhadora em busca de emprego, que dirigindo-se ao "Manpower" acompanhada por um intérprete, este aventou a ideia de ela trabalhar em Alta-Costura, devido à sua habilidade natural para a confecção de vestuário. Posta a hipótese em prática, Helena hoje encontra-se empregada, aprendendo Inglês através do trabalho, amealhando ao mesmo tempo o dinheiro que lhe permitirá tirar um curso que realmente goste.

Mostraram, as organizadoras deste movimento, o desejo de se realizar um colóquio entre as diversas organizações portuguesas que trabalham na nossa comunidade, com vista a um paralelismo de acções, através da definição de linhas e campos de acção. Ora isto, quanto a nós, só viria beneficiar a nossa colónia que já se

encontra cheia de problemas internos, que só têm como resultante uma duplicação e não bom aproveitamento de esforços. A ideia está lançada, senhores! Quem dá o primeiro passo?

Portanto, mais uma organização que aparece. Aqui fica registado o nosso apoio, que de nada servirá se a própria comunidade não estiver disposta a organizar-se. Mulheres imigrantes portuguesas, é tempo de acção!

CENTRO COMUNITÁRIO DE EMPREGO para MULHERES
103 Bellevue Avenue Tel: 922-1819

Tony Amaral

80% no "Welfare"

preferem trabalhar

Um estudo feito em Hamilton, com jovens solteiros que estão no "welfare", mostrou que a quarta parte deles não tinham procurado trabalho durante as duas semanas desde que foram entrevistados e os outros tinham procurado uma ou duas vezes somente.

O estudo, que foi dirigido por Robert Arnold, abrangeu 212 pessoas entre as idades de 16 e 25 anos; 122 desses jovens tinham sido subsidiados pelo "welfare" durante seis meses pelo menos.

O fim de tal estudo foi para saber se mais pessoas trabalhavam, caso fossem feitas certas mudanças no sistema do "welfare". Chegou-se à conclusão que apesar de oitenta por cento dos entrevistados dizerem preferir trabalhar, na realidade metade deles estavam basicamente satisfeitos com "welfare". Dois por cento afirmaram ser melhor estar no welfare do que trabalhar. Mais de dois terços admitiram que o "welfare" não dava dinheiro suficiente para alimentação, vestir e renda da casa. Na altura em que o estudo fora feito, o "welfare" pagava a uma pessoa solteira a quantia mensal de \$112 dolares.

(do Toronto Star, Julho 1975)

ACIDENTES de TRABALHO

Publicamos a seguir parte duma circular enviada pela Delegação da Secretaria de Estado da Imigração:

Os casos de acidentes de trabalho que temos tratado são de grande gravidade e muito complexos; verificamos que os trabalhadores portugueses da construção deviam ter mais protecção e que os empreiteiros deviam esclarecer os trabalhadores quanto às leis de protecção de acidentes de trabalho; consideramos que os trabalhadores portugueses tem contribuído para o progresso social e económico da Província do Ontario e portanto devem ser beneficiados com a legislação existente sobre indemnização por incapacidade, ferimentos ou morte; consideramos que muitos acidentes sofridos por emigrantes portugueses foram causados porque os empreiteiros, encarregados e administradores não tomaram as precauções necessárias a fim de protegerem os trabalhadores, e também porque não se asseguraram convenientemente, de que as informações de segurança e seus regulamentos fossem fornecidos aos emigrantes portugueses quer falem ou não a língua inglesa;

Por estas razões, a Delegação da Secretaria de Estado da Imigração reconhece que se deve fazer um esforço contínuo para:

- aperfeiçoar a segurança do trabalho no local de trabalho de modo a diminuir o número de acidentes;
- pressionar as entidades seguradoras para que o injuriado tenha a segurança que justamente merece;
- estudar o maior número de casos concretos para que possamos apresentar recomendações ao Secretário de Estado da Imigração, no intuito de serem estudadas as bases para eventuais convenções bilaterais com o Canada.

Assim, importa estabelecer relações directas entre as instituições interessadas e os departamentos oficiais de auxílio ao emigrante. É nossa opinião de que não importa somente estabelecer relações estreitas entre as administrações das instituições, mas também assegurar uma boa colaboração directa dos peritos competentes nos diversos campos especializados de seguros de indemnização resultantes de acidentes de trabalho.

Por vezes, contactos pessoais e conversas minuciosas podem levar a resultados melhores e mais eficazes do que as trocas volumosas de correspondência

Para podermos dar maior apoio às comunidades portuguesas espalhadas pelo Ontario e para defendermos, no plano internacional, a dignidade do trabalhador português no estrangeiro, contacte com a Delegação da Secretaria de Estado da Imigração junto do Consulado Geral de Portugal em Toronto.

União Para Trabalhadores Acidentados

Desde há um ano que trabalhadores vítimas de acidentes estão a demonstrar-se para que o Governo do Ontário faça justiça à compensação que lhes é atribuída por invalidez. Um trabalhador vítima de acidente nunca recebe o seu salário inteiro. Em 1973, 10,233 trabalhadores foram postos em pensão de invalidez permanente. Como a Junta de Compensação Operária está mais interessada em manter os custos baixos para os patrões, os trabalhadores que estão temporariamente impedidos de trabalhar e a receber uma compensação inteira, são mudados para a situação de inválidos permanentes para que não recebam a compensação inteira.

A União dos Trabalhadores Acidentados está a fazer quatro exigências ao Governo

- Os trabalhadores vítimas de acidentes devem ter garantias de trabalho e compensação igual a 100% dos ganhos que perderam;
- Todos os exames médicos devem ser feitos por doutores independentes, e não por examinadores da Junta de Compensação operária;
- As penalidades pelas condições de segurança que põem em perigo as vidas e a boa saúde dos trabalhadores no Ontário devem aumentar e devem ser rigorosamente observadas.
- Exige que todos os pagamentos compensatórios sejam aumentados retroactivamente até à data do acidente, de acordo com os aumentos no Índice dos Preços do Consumidor e nas médias de salário.

A própria Junta de Compensação Operária prevê que serão declarados aproximadamente 490,000 acidentes de trabalho Província do Ontário no ano de 1974. Este numero é um aumento de 18% em relação a 1973. Isto significa que um em cada cinco trabalhadores ficará ferido em 1974.

A União dos trabalhadores Acidentados conta cerca de mil membros, entre os quais 75 são pessoas Portuguesas. Para ser membro desta União basta ter sofrido um acidente no trabalho e assinar um cartão de membro. Cada membro paga \$6.00 de seis em seis meses.

O objectivo principal da União dos Trabalhadores Acidentados é mudar a lei da compensação operária. Os seus membros estão divididos em Comissões organizadoras. De vez em quando fazem manifestações e reuniões para obrigarem o Governo a mudar as leis.

Pessoas Portuguesas que tenham sofrido acidentes e queiram fazer parte desta União que defende os seus direitos têm aqui a direcção 931 College Street, sala 202, tel. 536-7224.

A Mulher Portuguesa na Comunidade

Pela primeira vez na nossa comunidade, está a realizar-se um programa televisivo português feito por/e para as mulheres portuguesas. Este programa que se intitula "Mulheres", pode ser visto semanalmente no canal 20 da Roger's, às Segundas e Sábados pelas 10 horas da noite e às Terças pelas 6:30 da tarde. Em breve aparecerá também no York Cable às 8:30 da tarde nas Quartas-feiras.

Um dos fins que "Mulheres" deseja atingir é promover as aspirações principais entre a mulher portuguesa, no Ano Internacional da Mulher: Igualdade, Desenvolvimento e Paz. Estas são as aspirações que todo o ser humano deseja e ambiciona. Enquanto não existir Igualdade entre todos nós, jamais acabara a exploração a que o homem e a mulher estão sujeitos.

A maior parte das mulheres portuguesas estão completamente indiferentes às realizações que as Nações Unidas têm levado a efeito. A mulher imigrante portuguesa residente em Toronto, teria muitas vantagens se se unisse com as suas companheiras e discutisse os problemas que a preocupam tais como a aprendizagem da língua inglesa, a exploração que sofre nos trabalhos, a falta de "nurseries" para os filhos, etc.

O governo Canadiano durante este ano dá prioridade a todos os projectos que têm o fim de ajudar a mudar a condição da mulher no plano social, económico e político do país. Portanto, a mulher portuguesa deveria agora unir-se e pressionar o governo Canadiano.

Em 1975, pela primeira vez a mulher teve oportunidade para se unir e discutir os problemas que a preocupam. Têm-se realizado conferências internacionais onde as mulheres do mundo inteiro têm demonstrado aos homens que as aspirações principais não são a igualdade sexual como tantas vezes têm sido acusadas- nem tão pouco queremos construir uma sociedade matriarcal.

Queremos e estamos dispostos a lutar para que acabem os mitos da mulher como símbolos do sexo, donas de casa e os estereótipos que esta sociedade machista criou e sempre incutiu no espírito da mulher estereótipos esses que a têm alienado ao longo de muitos anos. Os cínicos e os machistas talvez vejam o Ano Internacional da Mulher como uma brincadeira, mas nós as mulheres não. Queremos que oportunidade seja substituída por Igualdade; exigimos que Desenvolvimento seja não um problema de escolha de sabões e produtos alimentícios mas melhor qualidade de vida; esperamos que Paz seja uma cooperação entre seres humanos os quais se aceitam como iguais.

Dina Santos

Boletim Informativo

do Consulado Geral de Portugal em Toronto

Começou no passado dia 15 de Julho a publicação de um Boletim Informativo que tem como finalidade divulgar notícias de interesse para a Comunidade Portuguesa do Ontário, quer provenientes de Portugal quer referentes à vida comunitária local.

O Boletim será distribuído largamente entre a Comunidade estando à disposição no Consulado Geral de Toronto para todos os portugueses que o desejem, contando-se também com o auxílio das diversas associações, clubes, agências de viagens, estabelecimentos comerciais e outras organizações Luso-Canadianas para que o mesmo possa ter uma circulação eficaz. Os "Comunicados" emitidos normalmente pelo Consulado Geral passarão, por questões de economia, a figurar no Boletim, salvo se se tratar de assunto de especial urgência a que deva ser dada imediata publicidade. É intenção do Consulado Geral emitir o Boletim quinzenalmente, desde que as exigências de serviço o permitam.

O "Comunidade" congratula-se com esta iniciativa e faz votos para que o Boletim Informativo faça mais pequena a lacuna que ainda existe na comunidade portuguesa de Toronto, no que diz respeito a uma informação correcta, sadia e útil.

Construção de um Centro Comunitário na Bathurst e Dundas

Está a ser planeado desde Fevereiro de 1974 a construção de um Centro Comunitário num pedaço de terra situado no canto da Bathurst e Dundas, atrás da Biblioteca Sanderson.

Este centro servirá primeiramente as áreas da Kensington, Alexandra Park e as ruas mais próximas a Oeste da Bathurst. As facilidades que serão construídas no centro terão de ser propostas pelas pessoas residentes na área. Até agora já fizeram as seguintes propostas para construir as seguintes facilidades: Um jardim infantil (Day Care Centre), um centro para pessoas idosas, um clube para juventude, Piscina, Ginásio, aumento da Biblioteca Sanderson, Espaço para outros programas (Artes, música, reuniões, salas de aulas). O custo foi estimado em Janeiro de 1975 em mais de três milhões de dólares (\$3,195,419,000).

Os Portugueses que moram na área são convidados a participar nas reuniões de planeamento porque fazem parte desta comunidade. Este centro será dirigido por pessoas da Comunidade.

OS DESABAFOS DO SENHOR ZÉ

- Sr. Zé** Tonin, tenho notado ultimamente que aparecem notícias contraditórias a respeito da imigração no Canadá. Isso até me faz pensar: mas para que raio quer o Canadá imigrantes?
- Tonin** A que notícias se refere, Sr. Zé?
- Sr. Zé** Aí atrás os jornais diziam que o Governo ia controlar a imigração, não é verdade? Menos gente ia entrar no Canadá, e só iam ser aceites os que tivessem uma oferta de trabalho. OK! No dia 16 de Janeiro os Ministros da Saúde do Governo Federal e Governos Provinciais concordaram com um plano do Governo do Ontario para limitar a imigração de médicos estrangeiros, pois queixam-se que eles chegam a uma média de 1,000 por ano ao Canadá.
- Tonin** Não vejo onde está a contradição, Sr. Zé. O que acaba de dizer só prova que o Governo está decidido a cortar a imigração para dar mais oportunidade de trabalho aos Canadianos.
- Sr. Zé** Espera aí, que eu ainda não acabei. A contradição está aqui. No dia 15 de Janeiro veio uma entrevista no "Star" com uma série de pessoas a reclamar que há falta de gente em certos serviços, tais como guardas de segurança, costureiras, cozinheiros, etc.
- Tonin** Eu também li essa entrevista. O que é mais interessante é a maneira como eles explicam porque é que os Canadianos não pegam nesses trabalhos.
- Sr. Zé** O que é que eles dizem, pois eu mal sei ler aquela inglesada?
- Tonin** Uma das pessoas diz que os Canadianos não vão trabalhar nesses lugares porque não gostam de se misturar com os imigrantes, nem de ir para aquelas áreas.
- Sr. Zé** Mas então nós temos piolhos? Os canadianos são melhores que nós? A minha casa pode-se ver!
- Tonin** Sr. Zé, não me parece que essa seja a razão principal.
- Sr. Zé** Então qual é a razão?
- Tonin** Quanto a mim, os canadianos não vão trabalhar aí por causa das condições de trabalho e do salário mínimo que aí se paga. É por isso que eles não têm muita gente, mesmo um imigrante que arranja um trabalho melhor não quer ir para lá. Em geral, em muitas dessas companhias os trabalhadores não estão unionizados, e têm de trabalhar à peça.
- Sr. Zé** Se é como a minha mulher, nem lhe pagam a tempo e meio no overtime. São uns safados!
- Tonin** Acho que só as mulheres portuguesas o sabem dizer, Sr. Zé.
- Sr. Zé** Sabes Tonin, isso é que me chateia! Porque é que esses garotos não pagam decentemente e não tratam os trabalhadores todos por igual? Por que é que há-de fazer pouco dos imigrantes? É por que não sabemos Inglês?
- Tonin** O que eles querem é mão-de-obra barata e em bastante quantidade, para quando um não quiser, estar outro à porta. Deste modo os trabalhadores não podem exigir salários mais altos e melhores condições de trabalho.
- Sr. Zé** Pois é exactamente aqui que está a contradição! Embora não gostem dos imigrantes têm que os deixar vir, porque precisam deles para produzir as riquezas que eles amassam.
- Tonin** Exactamente!
- Sr. Zé** O que é que acha que era a melhor maneira para endireitar essas companhias de limpeza, hotéis fábricas de costura?
- Tonin** Sr. Zé, eu só vejo uma maneira possível: a unidade dos trabalhadores. Só quando os trabalhadores se unirem num sindicato terão força para dizer não os "bossas".
- Sr. Zé** É isso que os imigrantes têm de aprender nesta terra. Eu já notei que a união dos trabalhadores é a única maneira de sermos respeitados como homens e como mulheres. Palavra de honra, revolta-me as tripas por fazer pouco de trabalhadores, lá porque são imigrantes!

Maltês

Quadras De António Aleixo

*Casado que arrasta a asa
à mulher deste e daquele,
merece que tenha em casa
outro homem em lugar dele.*

*O meu merceeiro é um santo
e há quem diga que ele é mau!
Digo-lhe só: dou mais tanto,
já me arranja bacalhau.*

*Deixam-me sempre confuso
as tuas palavras boas,
por não te ver fazer uso
dessa moral que apregoas.*

Cartas ao "Comunidade"

MENSAGEM AO "COMUNIDADE"

É com muito prazer que aproveito o amável convite dos editores do novo jornal "Comunidade" para dirigir a sua Redacção e leitores uma palavra de apreço e encorajamento pelo lançamento de mais um órgão de informação português dirigido à nossa Comunidade. Tem com efeito o novo periódico uma importante função a cumprir e o espírito jovem que o anima constitui sem dúvida uma promessa de que no futuro provará de grande utilidade para os interesses portugueses nesta área. O Editorial do seu primeiro número deixa-nos a certeza de que os autores do "Comunidade" estão bem conscientes da sua missão de colaborar no progresso dos portugueses aqui residentes, em todos os campos e abrangendo todas as camadas e profissões que constituem a nossa larga e produtiva Comunidade. É essencial que os órgãos de informação Luso-Canadianos colaborem no esclarecimento dos nossos compatriotas não só quanto aos desenvolvimentos em Portugal mas também no que se refere à sua adaptação na vida Canadiana, pois só o conhecimento da língua, costumes e regulamentos locais lhes proporcionará um nível de vida e um bem estar que os colocará em posição de absoluta paridade com o resto da população, evitando situações de desigualdade provenientes do conhecimento imperfeito das "regras do jogo" locais e da discriminação por muitos oportunistas que se aproveitam desse facto para explorar a boa-fé dos imigrantes. Mas para que a Comunidade Portuguesa adquira a posição e a força a que tem direito pela sua participação no desenvolvimento económico deste país é preciso que mostre uma face unida, consciente e responsável para que, uma vez reconhecida como um importante sector da sociedade multicultural do Canadá, possa transmitir a este país os valores culturais portugueses que são dos mais antigos da História. Na certeza de que o "Comunidade" cooperará da melhor forma naquele objectivo, formulo aos seus iniciadores os meus melhores votos de sucesso, oferecendo desde já o meu sincero apoio e colaboração.

O Consul-Geral
Magalhães Feu

Memórias de um Jovem Imigrante

No dia 4 de Outubro de 1964 um avião da Pan America levantou voo do aeroporto de Santa Maria. Faziam parte deste voo os meus pais, eu e uma dúzia de famílias Portuguesas que iam engrossar a comunidade Portuguesa de Toronto. Só a viagem levou dois dias. Olhando para trás estes foram provavelmente os dias mais longos da minha vida. Embora fosse excitante para uma criança de 7 anos foi também uma experiência cansativa. Especialmente a noite passada em Nova York quando nos foi dito "por causa do mau tempo, o voo para Toronto foi cancelado esta noite e o próximo voo será amanhã de manhã. Não conhecendo nada melhor, algumas famílias portuguesas, a minha incluída, ficaram no aeroporto e prepararam-se para uma longa noite sem dormir sentados nos bancos, enquanto outros procuraram hotéis para passar a noite em camas confortáveis. Ainda me lembro de ter acordado no dia seguinte com o corpo todo rígido e dorido. Todavia a ansiedade de encontrar parte da minha família que não tinha visto desde há cinco anos, deu-nos coragem para continuar.

Ainda me lembro de ouvir minha mãe dizer a outra pessoa, alta noite, "se não fosse para livrar o meu filho da tropa, eu nunca faria esta viagem". Agora, sendo mais velho, percebo o que minha mãe quis dizer, mas naquela altura só pensei que ela queria iniciar uma conversa. Daí a pouco os meus olhos abriram de novo ao som barulhento de um varredor, e que surpresa agradável, ouvir uma pessoa a falar connosco em Português. Uma pessoa que já fazia parte de um novo mundo que nós estávamos perto a experimentar. Levantei-me para ouvi-lo falar com o meu pai, cerca de uma hora. É difícil lembrar-me do que eles falaram, embora esta frase nunca me esqueça "as pessoas que em Portugal pensam que nós chegamos aqui e apanhamos dinheiro das árvores, deviam vir cá e ver realmente o que isto é". No fim da conversa o meu pai queria dar-lhe dinheiro, talvez porque ele nos fez algum favor, mas nem eu nem meu pai se lembram que favor. Na manhã seguinte, dia 7 de Outubro dirigimo-nos para um pequeno autocarro que nos levou para uma outra parte do aeroporto onde tomámos um avião de dois motores de helice da Air Canada que nos trouxe a Toronto. Depois de esperar umas horas nós vimos a nossa família. Como estavam tão diferentes! Já eram "canadianos".... O primeiro dia passou-se. Porém no segundo dia vieram os avisos "vocês devem aprender a ir para a cama cedo porque amanhã nós temos de trabalhar; não façam barulho, as pessoas do segundo andar não gostam de barulho! não mexas na televisão! tira os sapatos!" "Ó meu Deus, eu sentia-me perdido neste novo ambiente. "Eu quero ir para trás para onde eu pertence, Ribeirinha, S. Miguel." Eram os meus pensamentos.

Frank Pacheco

Estimados Editores de "Comunidade":

Foi com muita satisfação que vi aparecer o seu jornal. Bem feito, ao serviço da comunidade portuguesa, ele veio ocupar uma função necessária e inadiável. Parabéns.

Apesar de brasileiro, e como bom brasileiro me sinto identificado com vocês e com a Revolução das Flores que venho acompanhando com atenção; aliás, como todos no Brasil.

Estou-lhes enviando esse primeiro artigo sobre o novo Portugal democrático, que lhes pode ser de alguma utilidade. Breve lhes envio outro trabalhinho de análise do MFA.

Em Setembro próximo parto para Portugal por 1 ano, convidado para lecionar na Universidade de Lisboa. Se posso ser útil a vocês, disponham.

Parabéns e um cordial abraço.

Antonio R. Bandeira.

Agradecemos a carta amável do Professor António R. Bandeira, assim como o exemplar da sua autoria "AS ELEIÇÕES EM PORTUGAL" editado por Brazilian Studies, Toronto Julho, 1975. Box 673 Adelaide St. P.O. Toronto, Ont. Canadá.

Todas as cartas enviadas a este jornal devem vir assinadas, mesmo quando o autor desejar permanecer anónimo. Os editores deste jornal reservam, no entanto, o direito de publicar qualquer correspondência enviada ao "Comunidade".

REPRESENTANTE DA F.S.P. EM TORONTO
(Continuação da página 1)

Continental ou Insular? A resposta a esta pergunta foi clara e simples: sendo um partido marxista, a FSP não acreditava em propriedade privada. Esta questão trouxe depois uma discussão longa em que vários problemas foram levantados acerca das tão faladas "ocupações selvagens", ocupações de casas, etc.

Como já foi anunciado pelo Conselho da Revolução, a propriedade do imigrante é sagrada, disse aquele militante da FSP. Esta é a maneira como o Governo português vê as coisas neste momento. É verdade que muitos oportunistas ocuparam casas sem reparar a meios, mas em 17 de Abril o Conselho da Revolução apareceu com um decreto, proibindo tais atitudes individualistas. Foram para isso organizadas as "Comissões de Moradores" que, juntamente com a Câmara Municipal de cada Concelho, a polícia e os proprietários de casas desocupadas tratam do assunto. Se uma casa está desabitada as "Comissões de Moradores" tratam de saber em que circunstâncias a casa está desocupada, contactam o dono ou procurador, dão-lhe um prazo para discutir tais assuntos e então a decisão é tomada, dependendo na justificação dada pelo proprietário ou procurador da casa "devoluta". Se este não comparecer dentro do prazo marcado, a casa será ocupada por ordem e com autorização dos responsáveis. Durante as investigações, se for descoberto que a casa "devoluta" pertence a um imigrante que naturalmente irá precisar dela para viver, então tal propriedade é sagrada, acrescentou Antonio Mestre.

Depois destes esclarecimentos, várias discussões se seguiram acerca da justiça e injustiça de tais decisões e, como conclusão, foi explicado que o imigrante não se devia preocupar com o que lá tem, pois nada lhe será usurpado, até porque o imigrante é parte do povo e a revolução que se está a fazer em Portugal é contra os capitalistas, grandes senhores que exploraram os próprios imigrantes ao ponto de lhes ser necessário procurar outra terra para ganhar o seu pão.

Para os imigrantes que tencionam voltar a Portugal, a situação deve ser clara: o Governo português tem um programa que o imigrante deve conhecer. Nesse programa existe uma decisão de acabar com a exploração do homem pelo homem e, quem não aceitar esta base, está a ser contra-revolucionário e não será aceite no país. Se o imigrante não gostar, se não estiver disposto a lutar ao lado do Governo pela libertação do povo e pelo melhoramento do país, então que faça as malas e volte para trás. Sem sacrifício mútuo não se poderá chegar a lado nenhum, sublinhou-se naquela sessão.

Outras questões foram levantadas contra a continuação de certas velhas práticas no aeroporto durante a revista das bagagens, contra "os pequenos fascistas portugueses de Toronto", etc.

Foi pedido também o "saneamento das autoridades onde existem ainda antigos funcionários que continuam a fazer o mesmo que faziam durante o regime fascista". Falou-se também contra a falta de informação na Comunidade Portuguesa.

Domingos Marques

As opiniões apresentadas nesta e noutras reportagens não são necessariamente as do repórter, editores ou outros membros deste jornal.

O SISTEMA ESCOLAR DE TORONTO

(Continuação da página 1)

são ensinadas mais ou menos as mesmas matérias.

Passar, Transferir e Perder o Ano

Se o professor sentir que a criança completa o trabalho necessário ao nível do grau e poderá completar o trabalho do ano seguinte, a criança PASSARÁ para o grau grau a seguir.

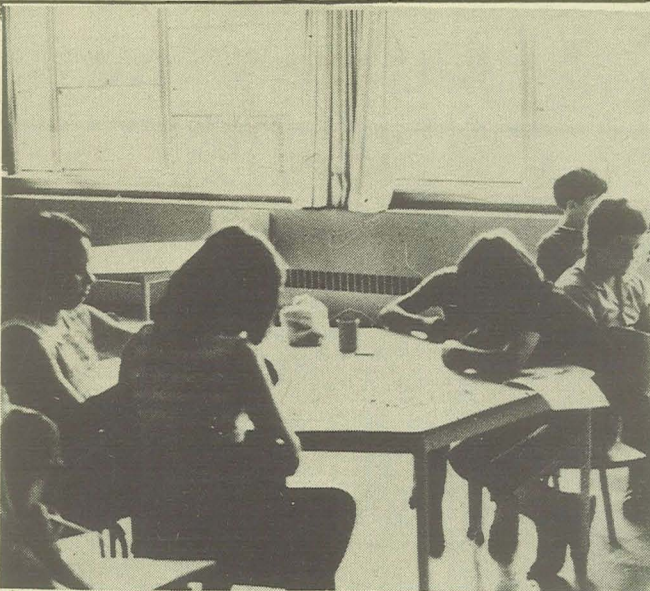
Se a criança tiver sérias dificuldades em ler ou fazer aritmética, ela será posta na mesma classe de crianças que tenham a mesma idade mas será ensinada a um nível inferior. Neste caso, a criança é TRANSFERIDA para o grau seguinte. Se os pais pensarem que será melhor para a criança, podem requerer que a criança repita o ano escolar em vez de ser TRANSFERIDA. Isto é que constitui PERDER o ano.

Se o estudante for transferido para o grau a seguir, ele ficará atrasado nos estudos a não ser que possa alcançar o nível de ensino próprio daquele grau. Se ele for capaz de triunfar, ele continuará como se tivesse PASSADO. Para ajudar o aluno a alcançar o seu próprio nível, ele pode frequentar programas especiais. As consequências de passar ou transferir não são evidentes até que o aluno esteja prestes a entrar na escola secundária. Se o aluno não tiver atingido o nível do grau 8 quando for para dar entrada no Liceu, ele será transferido para o grau 9 ou pode repetir o grau 8 mas a decisão final pertence aos pais. As consequências de ser transferido para o grau 9 são que só poderá entrar para cursos com nível 1, 2 ou 3.

Escolas Secundárias (Liceus)

Dentro das escolas secundárias existem diferentes níveis de aprendizagem e ensino. Estes níveis são classificados da seguinte maneira: Nível 1,2,3,4,5,6. Nível 1 é o mais simples e Nível 6 é o mais difícil e avançado. Para dar entrada na universidade, terá de seguir o nível 5 ou 6. Para dar entrada em Colégios da Comunidade, terá de seguir cursos com o mínimo de nível 4. Níveis 1, 2, e 3 preparam o aluno para trabalhos onde maior educação escolar não é necessária. Em geral, os níveis dos cursos correspondem aos anos necessários para completar o programa escolhido pelo aluno.

Muitas vezes é muito difícil mudar de programas de Nível 1,2 e 3 para os programas de nível 4 e 5. É mais fácil mudar de um programa de Nível 4 para um programa de Nível 5. É importante que os alunos e os pais saibam as consequências de escolher um curso de qualquer nível.



Um 100 crianças Portuguesas são introduzidas na cultura Portuguesa através do programa cultural e recreativo "EM FRENTE" na escola da Ossington.

No sistema escolar secundário existem grandes diferenças nos programas.

Níveis & Programas nas Escolas Secundárias

Níveis	Escola	Telefone
1, 2, 3	Heydon Park S.S.	534-1191
	Parkview S.S.	461-7506
	West Park S.S.	532-2861
2, 3	Brockton H.S.	534-9237
	Lakeview S.S.	461-7526
2, 3, 4	Castle Frank H.S.	962-4871
	Bickford Park H.S.	537-2194
4, 5	Bloor C.I.	537-4165
	Central Technical S.	531-5781
	Danforth Technical S.	465-2454
	Eastern H.S. of Com.	461-6325
	Harbord C.I.	531-3571
	Lawrence Park C.I.	489-1147
	North Toronto C.I.	483-3568
	Western Technical-Com.	766-7641
	West Toronto S.S.	534-2381
4, 5, 6	Central H.S. of Com.	531-5743
	Forest Hill C.I.	787-0637
	Humberside C.I.	767-8438
	Jarvis C.I.	924-8331

NOTÍCIAS DE PORTUGAL

MEDIDAS ECONÓMICO-SOCIAIS PARA OS AÇORES

Em reunião interministerial foram tomadas medidas, a curto prazo, no sector economico-social para o Arquipélago dos Açores.

Pela sua importância destacam-se as seguintes:

a) Foi decidido, como medida de emergência, que a Junta Nacional dos Produtos Pecuários adquira vitelos para abate, comprando-os pelo peso no acto de embarque, sendo o transporte assegurado pela Secretaria de Estado da Marinha Mercante.

Encontra-se já no arquipélago um técnico da JNPP, para proceder à avaliação dos quantitativos de gado.

b) Foram tomadas medidas, para colocar, de imediato à disposição do plano pecuário dos Açores, uma verba já atribuída de cem mil contos.

c) Foi decidido dotar a comissão administrativa da firma Martins e Rebelo com a verba de seis mil contos, a fim de esta empresa pagar o leite que tem em dívida para com os produtores do distrito da Horta.

Por outro lado, a JNPP dará início ao pagamento dos subsídios que, habitualmente, concede, e cuja liquidação se encontre em atraso.

d) Foi eliminado o imposto que incidia sobre a entrada no continente de ramas de tabaco oriundas do arquipélago e decidido igualizar o imposto sobre o tabaco manufacturado pelo valor mais baixo (cerca de trinta centavos por maço).

e) No prazo de quinze dias a Secretaria de Estado do Abastecimento e Preços tomará medidas, no sentido do nivelamento dos preços dos adubos, ferro, gás, e cimentos, estando em estudo medidas idênticas para outros produtos.

f) Estudar o escoamento das conservas de atum ainda existentes no arquipélago, através da inclusão da sua exportação nas medidas de apoio à Guiné e Cabo Verde, bem como apoiar, em condições a estudar, as fábricas de conserva.

g) Foi decidido escoamento das capturas caso se detecte necessidade, em navios frigoríficos, através da Secretaria de Estado das Pescas.

h) No sector industrial, foi tomada uma resolução, no sentido de o Ministério da Indústria estudar as condições que permitam as ramas de tabaco açorianas em unidades fabris do continente.

i) Foi anunciada a criação, a curto prazo, duma delegação do Instituto de Apoio às Pequenas e Médias Empresas nos Açores.

j) No âmbito do crédito, anunciou-se a deslocação aos Açores, do Secretário de Estado do Tesouro a fim de proceder à instalação no arquipélago dum Secretariado Regional da Banca.

Esse Secretariado actuará, designadamente, no sentido de facilitar a concessão de créditos e mobilização de poupanças junto das comunidades açorianas da América do Norte.

1) No sector do turismo, está em curso uma campanha para fomentar o turismo social, nomeadamente através da inclusão dos Açores em campanhas de iniciativa da

Secretaria de Estado do Turismo.

m) No domínio da Saúde, foi anunciado um esquema de cobertura do arquipélago com médicos de internato policlínico, medida esta concretizada em Julho.

n) Foi decidido ultimar, para ser enviado a Conselho de Ministros, um diploma instituindo para a região dos Açores um órgão executivo coordenador das actividades, visando o desenvolvimento economico-social do arquipélago. Esse órgão integrará os diversos serviços periféricos da administração central actualmente existentes.

ASSEMBLEIAS POPULARES EM PORTUGAL

No dia 9 de Julho, a Assembleia do Movimento das Forças Armadas publicou um documento que institui o poder popular directo por meio de assembleias do povo. "As Comissões de Moradores; Comissões de Trabalhadores e outras organizações de base popular formarão Assembleias Populares Locais, de Freguesia ou por área a definir. Destas Assembleias Locais se formam as Assembleias Municipais e assim sucessivamente até à Assembleia Popular Nacional," diz o documento. O Movimento das Forças Armadas participará nas Assembleias aos níveis municipal, distrital, regional e nacional.

TRIUNVIRATO

A Assembleia do Movimento das Forças Armadas, numa sessão extraordinária, no dia 25 de Julho de 1975, "pronunciou-se sobre autoridade e segurança da Revolução, tendo concluído pela necessidade de uma forte direcção política," conforme um comunicado publicado no dia 26 de Julho. O poder político e militar será concentrado nos seguintes membros do Conselho da Revolução: Presidente da República, general Costa Gomes; Primeiro-Ministro, general Vasco Gonçalves; comandante do COPCON, general Otelo Saraiva de Carvalho. O Conselho da Revolução passa a ser um órgão consultivo.

Segundo o comunicado, a Assembleia abordou o problema da disciplina revolucionária em toda a sua amplitude e no próprio seio do Movimento das Forças Armadas, decidindo "pela actuação com firmeza, contra elementos que, com intenção contra-revolucionária, criem um clima de agitação popular e dificultem as tarefas de construção do socialismo".

EMISSORA NACIONAL

HORÁRIO DAS TRANSMISSÕES (em língua portuguesa) todos os dias para o Canadá e Frota

DESTINO	Leste	Oeste
HORA LOCAL	18.30-20.00	18.00-19.30
HORA (TMG)	00.30-02.00	03.00-04.30
FREQUENCIAS	11935 e	11935 e
(KHZ)	6025	6025
C. ONDA (m)	25 e	25 e
	49	49

Malvern C.I.	694-3294
Monarch Park S.S.	461-0893
Nothorn S.S.	487-7351
Oakwood C.I.	654-4510
Parkdale C.I.	532-3363
Riverdale C.I.	465-3541

Programas Académicos

Programas académicos permitindo entrada na universidade duram 5 anos (Níveis 5 e 6) e são oferecidos em escolas designadas para preparar estudantes para a universidade. Um programa académico também é oferecido por 4 anos mas não dá acesso à universidade. Este programa dá acesso aos Colégios da Comunidade (Community College)

Programas Comerciais

Nestes programas (que duram de 2 a 4 anos), os estudantes adquirem prática em trabalhos de escritório (escrever à máquina, estenografia, etc.). Os cursos comerciais de 2 e 3 anos dão pouca prática ao estudante. Estudantes que tenham esta prática podem somente arranjar empregos básicos de escritório. Um curso comercial de 4 anos dá mais prática e abre o caminho para melhores empregos. Também dá acesso aos Colégios da Comunidade.

Programas Técnicos

Programas Técnicos podem durar de 2 a 4 anos e dão prática em diferentes trabalhos tal como mecânica, carpintaria, soldador, etc. Um curso técnico de 2 ou 3 anos dá apenas uma pequena amostra daquilo que o trabalho consiste. Este conhecimento pode ajudar um estudante a arranjar um trabalho ou dar entrada numa aprendizagem. O programa de 4 anos abre o caminho para trabalhos melhores, aprendizagens mais curtas, ou entrada em Colégios da Comunidade. Completar um programa técnico não garante aprendizagem nem trabalho na carreira escolhida.

Decisões de Pais e Estudantes

Muitas escolas oferecem uma mistura dos programas e níveis acima mencionados. Desde que o estudante tenha passado para o grau 9 ele pode escolher qualquer programa em qualquer nível ou qualquer combinação de programas e níveis oferecidos em qualquer escola. Pais e estudantes devem conhecer as consequências de escolher qualquer curso em qualquer nível.

Aulas Especiais de Inglês

Para os estudantes que não falam inglês existem programas especiais para os ajudar, tanto nas escolas primárias como nas escolas secundárias. Dependendo da idade da criança, ela será posta num programa de inglês na escola primária ou secundária. Durante o tempo de 1 a 2 anos, o estudante será posto num programa com os outros estudantes que conhecem a língua. Quase todas as escolas oferecem programas especiais de inglês. Dependendo da escola, eles terão entrada em programas de níveis 3, 4, e 5. Pais e estudantes devem reconhecer que falta de prática de inglês não os deve impedir de darem entrada em programas de níveis mais altos.

Programas Especiais

Programas Especiais existem para crianças com muitos tipos de problemas. Estudantes que frequentam estes programas podem ser atrasados mentais, surdos ou terem grande dificuldade em ler, etc. Quando possível, estes estudantes são postos em programas normais. Nenhuma criança pode ser posta em qualquer programa especial sem o consentimento dos pais. Tenha a certeza que entende qual o programa que os seus filhos frequentam e porquê!

Conclusão

Nesta terra espera-se que os pais tomem parte activa na educação dos seus filhos. Telefone regularmente para o professor do seu filho e pergunte como ele vai andando nos estudos e qual o nível de estudos que ele está frequentando. Vá a todas as reuniões de pais e professores. Não espere que um problema surja para ir à escola. Se tiver qualquer pergunta a este respeito por favor não tenha receio de nos telefonar.

Projecto "Prova"

Estrella Roias (Portuguesa)	923-7623
Ana Silva (Portuguesa)	922-7615
Lena Corrado (Italiana)	745-3764
Peter Gallus (Inglês)	465-5272

COMUNIDADE

É SEU AMIGO.

ASSINE-O!

TEL. 535-8616

OPINIÃO: QUE SE PASSA ENTRE OS IMIGRANTES PORTUGUESES NOS ESTADOS UNIDOS

Neste verão, eu tive a oportunidade de passar duas semanas, em Massachusetts e Rhode Island, nas áreas mais populadas por Portugueses. Eu, sendo Açoreano residente aqui em Toronto, fiquei movido e chocado com a reacção do povo Açoreano em geral sobre o movimento de independência dos Açores. A maioria desta gente que vive centenas de milhas afastada do lugar onde nasceu, por vezes envolve-se tanto nestes casos que se esquece dos problemas concretos e mais importantes da sua vida quotidiana.

Observando isto, eu pensei que fosse interessante para a Comunidade Portuguesa de Toronto, ter uma ideia do que se passa entre os nossos irmãos nos Estados Unidos.

Depois de falar com vários familiares e velhos amigos, eu verifiquei que o povo Açoreano nestas zonas estava profundamente preocupado (e envolvido) no movimento da independência dos Açores. Dentro deste povo, pode dizer-se que havia dois grupos principais. Havia aqueles que apoiavam a independência dos Açores mas não se envolviam directamente e aqueles que participavam directamente em comícios dos partidos separatistas.

ASSEMBLEIAS não para esclarecer

Os simpatizantes conversavam com os seus amigos e familiares sobre os problemas que os afectam pessoalmente, por exemplo, o medo da expropriação das suas casas e propriedades que possuem nos Açores e o medo do comunismo. O outro grupo constituído por pessoas mais activistas que dirigiam "empunhavam" a ideologia separatista. Este grupo chefiado por poucos elementos, tentava influenciar o outro grupo menos consciente por meios de rádio, televisão, jornais, panfletos e outros meios de comunicação.

Nos vários comícios que eu assisti, notei que os dirigentes dos partidos separatistas dominavam o resto do povo que fazia parte da assembleia. A reacção das pessoas era apenas por emoção, pois gritavam os slogans "independência dos Açores agora mesmo", etc, mas eles não faziam perguntas suficientes para ficarem melhor esclarecidos. Então, uma pessoa ficava com a impressão que aquelas assembleias não eram para esclarecer e informar, mas apenas para tentar influen-

ciar e manipular as pessoas ali presentes.

Depois de falar pessoalmente com os indivíduos simpatizantes da independência dos Açores, eu achei que eles não entendiam o que se passava naquelas reuniões e não sabiam responder às perguntas feitas por mim.

JORNAIS ao serviço de grupos separatistas

Isto não é de admirar, pois quando comecei a ler os jornais Portugueses, como o "Portuguese Times" e o "Luso Americano", notei logo que estes meios de comunicação (bem como a estação de rádio) estavam ao serviço dos grupos separatistas. Existiam até pequenos anúncios nos jornais, no qual os leitores podiam assinar o seu nome e serem enviados para o presidente dos Estados Unidos pedindo a intervenção deste país na actual vida política de Portugal.

Ainda mais, foram estes dois jornais com a ajuda de muitos clubes Portugueses que aproveitando-se da fraca informação do povo Açoreano organizaram várias manifestações apoiando a independência dos Açores. Uma das manifestações foram realizadas em Nova York em frente do edifício das Nações Unidas para apoiar uma resolução que garantisse a independência dos Açores. Houve também duas excursões a Washington (capital dos Estados Unidos) onde foram organizadas duas manifestações em frente da Casa Branca (White House) onde reside o presidente dos Estados Unidos. Para a última manifestação em Washington, foram 10 autocarros de Rhode Island, 6 de Fall River e 1 de New Bedford.

MAIS de 15% de Portugueses sem trabalho

Enquanto a comunidade Açoreana se envolvia na tarefa da independência dos Açores, eu verifiquei, e é irónico a situação económica nos Estados Unidos não era muito favorável. Havia falta de trabalho, layoffs, aumento do custo de vida, menos dias de trabalho, até que mais de 15% de todos os Portugueses da Nova Inglaterra, na cidade de New Bedford, Fall River, Bristol e cidades adjacentes estão sem trabalho. Além disso, eles são sujeitos a serem os primeiros a serem despedidos, sempre que a economia dos Estados Unidos esteja em crise.

LIÇÃO para os Açoreanos

Eu vi que os Açoreanos não estão a par da situação de outros povos étnicos e sobre a experiência das ilhas Virgens, do Panamá e Hawaii quando se ligaram aos Estados Unidos. Como por exemplo, a experiência do Puerto Rico e o seu povo, podia servir como uma lição para os Açoreanos ali residentes. Porque os Portoricanos, vivendo nos Estados Unidos, não vivem nas melhores condições de alojamento e não têm a mesma facilidade de emprego como os Americanos. Ao que posso dizer, para os Açoreanos melhor compreenderem o que se passa nos Açores é necessário que em primeiro lugar estejam conscientes do que se passa à sua volta na América e compreendam a luta de libertação do povo oprimido de todo o mundo contra as forças que impedem o seu desenvolvimento.

Afinal, o que eu concluí da minha visita aos Estados Unidos é que o povo Açoreano ali residente, embora sinta uma certa ligação emocional com os Açores, estava a tentar resolver os problemas socio-económicos e políticos daquelas 9 ilhas localizadas centenas de milhas fora do lugar onde vivem.

Ao fim de contas, os Açoreanos podem falar o que quiserem ali na América ou aqui no Canadá mas os problemas dos Açores só podem ser resolvidos pelos próprios Açoreanos que vivem actualmente nos Açores. Porque no estrangeiro sempre temos os nossos problemas de trabalho e vida diária para resolver e que consomem as nossas energias.

Portanto faço um apelo à comunidade Açoreana e a

todos os Açoreanos residentes aqui em Toronto para que se informem e que não se deixem ser manipulados por "senhores" ou grupos "separatistas" com base na América. Para quando eles falarem em libertação dos Açores, poderemos perguntar: "Mas que Libertação?"

Tony Amaral

A Escola e a Comunidade

Após longa e árdua luta, o Toronto Board of Education, aprovou finalmente a remodelação da escola liceal Harbord Collegiate. A quantia exacta concedida ao projecto não sabemos, mas nos círculos informados, fala-se de cerca de 7 milhões de dólares.

Quando a notícia foi publicada há um ano, muitos viram os primeiros sinais da materialização dum velho sonho. Para outros começou um pesadelo. A "caixinha" de tantas memórias estava prestes a ser demolida. Muitos opuseram-se ao projecto até ao ponto de formar um grupo dedicado a "salvar a Harbord" pelo valor histórico do edifício. A decisão final foi uma concessão mútua: a frente do edifício manter-se-ia, pois os residentes imediatos da área identificam-se com o desenho exterior que já lhes é comum. O restante será remodelado e expandido para melhor acomodar os mil e duzentos alunos que frequentam a escola numa atmosfera mais espaçosa e modernizada.

O projecto será uma experiência para o Board of Education, porque será a primeira vez que uma escola é quase totalmente demolida e reconstruída. Será a primeira vez que estudantes, professores e a comunidade a quem a escola serve, podem participar na escolha do tipo de escola que irá ser construída. Será também, em minha opinião, a primeira vez que uma escola secundária é denominada uma escola comunitária, pois não conheço liceu algum ou escola técnica sob essa categorização.

Em Março passado foi completada a Comissão Consultiva da construção (Building Advisory Committee). Esta comissão é formada por três estudantes, três professores, assim como o mesmo número de ex-alunos e representantes da comunidade, num total de doze pessoas. A função deste grupo é discutir e avaliar várias propostas (além de originar outras) relacionadas com o novo edifício. A finalidade mais importante deste grupo, que terá uma longividade de um ano, é de influenciar o Toronto Board of Education. Portanto, a comissão não tem o poder para a decisão final. Na realidade porém, se tudo se fizer dentro das linhas financeiras, não há dúvida que as suas decisões farão a nova Harbord Collegiate.

Em Junho, dois meses depois da formação da comissão acima mencionada, foi publicado um estudo intitulado "Facilities Brief" onde os membros da dita comissão exprimiam as suas ideias sobre o projecto da Harbord, denunciando a inutilidade dos representantes da comunidade e dos ex-alunos que se representam somente a eles próprios ou grupos individualistas. A comissão também convidou qualquer grupo comunitário que estivesse interessado no projecto, a apresentar um "brief" ou resumo à comissão.

Do grupo P.I. C. A. S. O. (Portuguese Information Centre & Social Organization) germinou uma ideia: englobar na nova escola um centro comunitário, semelhante ao existente na Kensington Community School, na Lip-pincott e College. Estando situada no centro da comunidade portuguesa e perto de transportes públicos, a Harbord é geograficamente estratégica para um centro dessa natureza.

O centro serviria como núcleo organizativo de outras actividades que se esperam desenvolver. O uso dos ginásios, piscina, auditório e salas de aula permitiriam uma variedade múltipla de actividades. Uma outra

vantagem é o facto desta escola possuir uma biblioteca com varios livros, jornais e revistas portuguesas que um grupo de estudantes criou durante o passado ano lectivo.

PICASSO respondeu ao convite da comissão e apresentou o seu resumo. A falta de tempo causou a falta de organização que por sua vez deu origem a um estudo ("brief") mal coordenado e mal recebido. Tal resumo foi feito em conjunto com a comunidade chinesa, pois dois grupos representariam mais força do que um e o centro comunitário era para ser compartilhado pelos dois grupos étnicos. A comissão porém, reagiu muito diferentemente do que se esperava. Depois de tudo o que se tinha dito sobre a Harbord tornar-se uma escola comunitária, o espaço não nos foi concedido. Há de facto espaço denominado "comunidade" mas para ser usado por todos os grupos étnicos. O que é triste é que para certos membros da comissão um centro comunitário é um arquivo. Imaginem uma sala com um arquivo e umas gavetas. Aparece uma pessoa para ser ajudada em qualquer serviço. Onde se manda sentar? E nós, onde nos sentamos? Em cima do arquivo ou das gavetas?

Com as eleições provinciais já bastante perto, o Board of Education congela todo o capital o que quer dizer que não haverá mais construção ou reconstrução de escolas por agora. Esta acção é, segundo um "trustee" parte da mecânica das eleições e segundo outro, é parte dum conflito entre o Separate School Board e o Toronto Board of Education. O que interessa à nossa comunidade é que o projecto da Harbord siga para a frente, pois o facto de o capital estar "congelado" não atinge a Harbord e nós precisamos dum centro comunitário.

PICASSO vai submeter outro resumo à comissão assim como uma petição o que nos dará a todos nós portugueses uma oportunidade para agir. Se não quer deixar passar esta oportunidade apoie esta causa. Telefone para PICASSO 924-0974

Edmundo Duarte.

EMIGRANTES

Aqui vai um excerto do caderno *AS ELEIÇÕES EM PORTUGAL* da autoria de António R. Bandeira, obra esclarecedora em todos os aspectos das eleições.

A falência do regime salazarista pode bem ser medida pelo fluxo imenso de emigrantes que provocou. Em busca de trabalho, fugindo ao recrutamento para a guerra colonial, ou escapando da feroz perseguição política, entre 1960 e 1974, 1.479.888 portugueses foram obrigados a abandonar seu país. O número de desertores alcançou 110 mil, segundo os dados oficiais do Governo Caetano. A população do país que superava os 9 milhões em 1960, caiu para pouco mais de 8 milhões, apesar do crescimento populacional.

Marcello Caetano estimulou ainda mais a emigração, anteriormente restringida, com o propósito de usar as remessas de dollar feitas pelo emigrante aos bancos portugueses para cobrir o déficit da balança de pagamento. A partir de 1969, essas remessas cobriram esse deficit, e só em 1973 entraram no país 400 milhões de dólares remetidos dessa forma, por essa gente forçada a viver longe de sua pátria e ainda obrigada a financiar o regime que de facto a expulsara.

O MFA decretou a amnistia aos desertores, e estendeu o direito de voto aos emigrantes que não estivessem ausentes de Portugal por mais de 5 anos, ou que tivessem em Portugal parte da família. Foi recenseado um total de 21.934 emigrantes, dispersos por mais de 30 diferentes países.

No Canadá, registaram-se como eleitores: Toronto, 1.720; Montreal, 212; Vancouver, 125; e Ottawa, 85. Nos Estados Unidos: Newark, 2.565; New York, 1.380; Boston, 536; Washington, 147; e San Francisco, 57. No Brasil: Rio de Janeiro, 176; Santos 129; São Paulo, 111; Para, 39; Porto Alegre, 24; Recife, 11; Belo Horizonte, 9; Bahia, 5.

Os emigrantes votaram para preencher uma cadeira na Assembleia Constituinte, havendo sido eleito o candidato do PPD.

SE É PORTUGUÊS DE TORONTO APOIE O JORNAL

COMUNIDADE

AO SEU SERVIÇO

TEL. 535-8616

Memories of Childhood

When I enrolled in school for the first time I was afraid that I wouldn't meet the demands of a totally different environment. I was taken from my mother's lap, and put into a room filled with emptiness and surrounded by four dull walls, which hadn't seen paint for many many years. Above us was a small lightbulb, hanging from the centre of the ceiling as if spying on us. Around me were my future colleagues sitting with innocent, but frightened expressions on their faces. We were all sitting in old worn-out desks which had probably been the desks of our parents. The desks were all scratched, stained with ink and had engraved on them the names of the more frustrated students who dared to write on them over the years. Through the back door of the room I could hear some whispering voices, which came from the other and only room in the school. This room was for the girls, because girls weren't allowed to integrate with boys or vice-versa for some strange reason which I still cannot understand.

As we progressed to learn the alphabet, and later the basics of math, we had learned that beatings were to be part of our school life. Those who grasped the studies quickly did not have to worry too much about getting whipped, but those unfortunate kids with slower learning capabilities lived in terror, which spread over everybody in the room. As soon as the thought of school entered our minds, our hearts beat faster as shivers ran up and down our spines.

I clearly remember one incident when I and a fellow student got into a brawl, and since I was the aggressor I got the Punishment for the both of us. As soon as our teacher was aware of the incident, she came furiously running over to my desk. I put my head over the desk, shielding it with my hands in which I held a pen. As she was striking me over the head, she accidentally punctured her hand on the pen. That infuriated her even more and she kept beating me until I started screaming.

In school it seemed we were being prepared for a war. Orders would be given and followed without excuses or explanations, like in the army. We, the little soldiers, were frightened from the first days; and the end of school (four years of public school at that time) was seen by the majority as an escape, and the beginning of freedom.

Our grade two teacher was a mean looking character with large blazing eyes, a very pointed nose and yellow coloured cheeks. He was prepared for battle, for, in front of the classroom he kept his ammunition: two long sugar canes which we called "Cana da Índia". The cane reached almost every student in the classroom from where he stood at the front. He also had a specially hand-crafted strap, which was made out of thick wood with holes on a round part, which in turn was connected to a handle. Besides these instruments there were always books and other objects that could be thrown across the room, depending on which one was handier at the time.

We were instructed to memorize papers and pages of writing from books which were too advanced for our reading skills. Next morning we were thrown questions which demanded answers, and if we were not able to produce them the "bombs" and "bullets" would fly. We were dictated sentences which we had to write with maximum care so that no mistakes were written, because for every spelling mistake one was to get a strap with the instrument that was shaped like a ping pong racket. Only this racket was much more thicker with holes in it that stung you like killer bees.

Recess was the only period of time which we really enjoyed. As soon as we stepped out of the door our faces bloomed with happiness and we were out to relieve the tensions and fears built up within us. We relieved our frustrations by playing rough and tough games, mistake our colleagues for the teacher. The only thing wrong with recess was that it was too short. As soon as we walked back to the classroom we held our hearts in our hands and squeezed them until there was no more

laughter, no more cheers, no more joy.

Incidents of this sort were common in our elementary school days, at least in the small rural places. Was it different in the big cities? I don't know.

By the end of elementary school most of us knew how to read fluently, how to solve some mathematical problems and we had discovered certain parts of Portugal such as mountains and rivers. We were also taught to be proud of our colonies of Africa and Asia and we saw them as part of our dominion. The colonialists and the missionaries were great heroes, and we were suppose to defend those territories no matter what.

We knew all this, but most of all, we knew discipline. We knew how to obey our leaders, we were timid to strangers and spoke only when spoken to. For me this was to change, however, as I moved to a new country - Canada. This was a large country with rich raw materials, vast empty lands, dozens of times bigger than my own country. In Canada I would learn a different language different customs and laws. This was to be the beginning for a New Canadians.

FRANK MARQUES

Ela Esta De Pé Nas Minhas Pálpebras

*Ela está de pé nas minhas pálpebras
Com os dedos nos meus entrelaçados.
Ela cabe toda em minhas mãos,
Ela tem a cor dos meus olhos
E desaparece na minha sombra
Como uma pedra sobre o céu.*

*Tem sempre os olhos abertos
E não me deixa dormir.
Os sonhos dela a luz do dia
Fazem os sois evaporar-se,
Fazem-me rir, chorar e rir,
Falar sem ter nada a dizer.*

Paul Eluard (Do livro "Mourir de ne pas mourir" 1924)

Os anúncios no jornal **COMUNIDADE**

são a preços razoáveis.

Para pôr um anúncio chame **535-8616**

Ex.mo Sr.

Durante as últimas duas semanas um novo jornal foi distribuído largamente pela comunidade portuguesa de Toronto. Este jornal que junto lhe enviamos, tem capacidade de ser, dentro em breve, um dos melhores meios de informação dentro da nossa comunidade.

"COMUNIDADE", sendo um jornal não-lucrativo, necessita do apoio de todos e pelos resultados presentes acreditamos que será também um meio importante para ajudar a vender os seus produtos.

Cria-nos interessados em colaborar com V.Ex.cia., esperando a mesma atitude da sua parte. O nosso telefone é 535 - 8616.

The rate of advertisement in
COMUNIDADE is quite reasonable.

To place an ad call **535-8616**

CUPÃO

PARA: MOVIMENTO COMUNITARIO PORTUGUÊS

931 College St.
c/o West End YMCA
Toronto, Ontario.

Nome _____

Endereço _____

Telefone _____

DESEJO SER ASSINANTE DO "COMUNIDADE" E ENVIO PARA ISSO A QUANTIA DE \$5 (DOLARES) -EM CHEQUE OU MONEY ORDER- QUE ME FARA ASSINANTE DURANTE UM ANO.

Nota: O pagamento deve ser feito em nome do MOVIMENTO COMUNITARIO PORTUGUÊS.

O FUTURO DESTA JORNAL

Chegaram à sede do comunidade rumores de que alguém vendera o jornal "Comunidade". Como esta explicação claramente na edição de Julho, o jornal é grátis durante o verão e ninguém deverá pagar um centavo a não ser que decida fazê-lo para gratificar o distribuidor. A partir desta edição, isto é, em Setembro, o jornal será distribuído somente aos assinantes que vão ser contactados até ao dia 7 de Setembro. Para que o jornal saia nessa altura é necessário a aquisição de um número mínimo de assinantes capaz de pagar as despesas da publicação do "Comunidade" durante um ano ou seja até Setembro de 1976.

Se não for contactado depois de receber este número e achar que este jornal é necessário na comunidade, queira contactar-nos pelo telefone ou enviando-nos o cupão abaixo indicado com a quantia de 5 dólares. Se por qualquer razão não for possível angariar o número necessário de assinantes (o que sinceramente não acreditamos vá acontecer!) então o seu dinheiro será devolvido. Não estamos pessimistas acerca do resultado final da campanha de apoio que vai ser iniciada logo após a distribuição deste número, mas é necessário que o leitor não tenha dúvidas nenhuma acerca do que vai acontecer ao seu dinheiro.

Se está interessado que este jornal continue e se acredita que de facto ele é necessário como uma voz independente defensora dos interesses dos imigrantes na sociedade canadiana e como um meio informativo dentro da própria comunidade portuguesa, se acredita em tudo isto, não fique à espera que o contactem. Hoje mesmo envie o seu apoio pelo correio, telefone ou pessoalmente. Amanha pode ser demasiado tarde.